

Petra SLEEMAN & Harry PERRIDON (Eds.). *The Noun Phrase in Romance and Germanic. Structure, variation and change*. Amsterdão: John Benjamins. 2011. 282 pp.  
ISBN 978 90 272 5554 9

Ana Maria Brito  
abrito@letras.up.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*  
*Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

Uma das linhas de investigação mais apaixonantes em Linguística é perceber a relação entre variação (inter e intra-linguística) e mudança; ainda mais empolgante se torna quando o tema em discussão é a sintaxe das expressões nominais. Foi com o intuito de analisar a variação e mudança nas expressões nominais nas línguas românicas e germânicas que Harry Perridon, Josep Quer, Petra Sleeman e Fred Weerman organizaram, em janeiro de 2009, um colóquio na Universidade de Amsterdão. O livro agora em análise reúne muitos dos textos então apresentados, incluindo uma nota prévia e uma introdução de Perridon e Sleeman, uma 1ª parte intitulada *Variação*, uma segunda parte chamada *Mudança* e um índice analítico.

Algumas das questões que se podem colocar sobre a categoria tradicionalmente chamada sintagma nominal são as seguintes: o determinante (D) é o núcleo de toda a construção, como se defende na chamada “hipótese DP” (Abney 1987, Longobardi 1994, entre outros), ou o determinante é uma espécie de “modificador” do núcleo nominal, a posição tradicional? Os determinantes são uma categoria universal, isto é, todas as línguas têm determinantes, mesmo abstratos e não realizados foneticamente, como é o caso dos nomes simples? Poderá propor-se que nas línguas que têm determinantes ou em que eles emergiram no decurso da sua história eles se tornaram o núcleo de toda a construção? E DP não poderá conter KP, isto é, uma projeção de Caso, como uma projeção funcional estendida (Giusti 1993)? Alguns fenómenos de ordem de palavras nos dois tipos de

línguas poderão ser descritos e explicados pelo movimento / ausência de movimento de N para categorias intermédias como Núm(ero) (Ritter 1991) Class(ificador) (Borer 2005) ou para D, como propõe Longobardi (1994)?

No caso particular deste colóquio, o problema central a debater era o seguinte: por que razão há diferenças e semelhanças entre as línguas românicas e germânicas e suas variantes? Por que razão as línguas germânicas têm tendencialmente os adjetivos em posição pré-nominal enquanto as línguas românicas têm adjetivos em posição pré e pós-nominal? Por que razão as línguas escandinavas e o Romeno têm artigos pospostos ao nome?

É a algumas destas perguntas e a outras mais específicas que os autores da introdução e dos textos procuram responder.

Na introdução, Perridon e Sleeman estabelecem semelhanças e diferenças entre as línguas românicas e germânicas, e fazem hipóteses inovadoras quanto aos mecanismos da mudança. As línguas românicas parecem ter herdado a marcação da definitude do Latim tardio (pp. 3-5), enquanto as línguas germânicas a desenvolveram já depois de se terem formado as diferentes línguas (pp. 7-9). Em qualquer dos casos a categoria DP ter-se-á desenvolvido a partir de relações frouxas entre os constituintes; a emergência do artigo e da expressão da definitude levou à gramaticalização de vários elementos adjetivais e de tipo genitivo como determinantes. No entanto, as línguas ou grupos de línguas diferem quanto à extensão da gramaticalização (p. 16); por outro lado, embora as línguas românicas e germânicas difiram em aspetos fundamentais, isso não quer dizer que as línguas de um grupo se comportem de maneira igual relativamente a um dado mecanismo: por exemplo, o artigo é sufixal em Romeno e no ramo nórdico das línguas germânicas; o Alemão, o Islandês e o Romeno conservam o genitivo (p. 17).

O interesse da introdução reside igualmente numa questão teórica geral: até que ponto a estrutura interna das expressões nominais é parte da Gramática Universal (GU)? Numa versão maximalista da GU, a variação encontrada nas estruturas nominais explicar-se-ia como resultado de escolhas paramétricas que as línguas fazem dentro das opções disponíveis na GU (p. 1). Contudo, desde a publicação de Hauser, Chomsky & Fitch (2002) e da distinção feita por estes autores entre “faculdade de linguagem no sentido lato” e “faculdade de linguagem no sentido restrito”

e esta praticamente limitada à noção de “recursividade”, há uma versão minimalista da noção de GU, em que as hipóteses sobre a estrutura tendem a ser menos detalhadas e em que uma dada categoria numa dada língua não tem que estar necessariamente presente noutra língua, mesmo de forma abstrata (p. 2). A descrição da variação e mudança nas línguas românicas e germânicas fornecida pelos autores da introdução é em parte marcada por esta última conceção.

Mas continuemos a acompanhar o livro. Na parte dedicada à *Variação*, o livro comporta sete textos. No primeiro, de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, analisam-se formas de nominalização do infinitivo, do gerúndio e do supino, e defende-se que as categorias dentro de CP que podem ser nominalizadas nas línguas românicas e germânicas variam, explicando a distribuição “gradual” de propriedades nominais e verbais nas várias construções. Cirillo estuda a construção alemã do tipo *welche studenten alle sind gekommen?*, isto é, uma construção em que o quantificador universal se combina com um constituinte interrogativo, mostrando que a construção é mais aceite nas línguas germânicas do que nas românicas, mas, mesmo assim, não é igual em todas as línguas germânicas e nas suas variantes. Corver e van Koppen estudam três tipos de construções aparentadas em diferentes dialetos do Neerlandês (*wat voor ‘n soort boeken, wat voor zulke boeken, wat voor ‘n boeken*, que significam mais ou menos o mesmo (que tipo de livros?); encontrando paralelismos entre estas construções e a de inversão de predicado no DP (*die idioot van ‘n dokter*, aquele idiota de médico), os autores acabam por propor uma análise por movimento, mostrando que a deslocação de *wat* não é permitida em todas as variantes, mas, simultaneamente, as construções em análise são variações de um “tema estrutural comum” (p.85). Wood e Vikner analisam, numa perspectiva interlinguística, a sintaxe de *such, sådan / solch* e *so / så / so* em Inglês, Dinamarquês e Alemão, recorrendo igualmente à ideia de movimento no interior de DP e mostrando que a construção de *so* e *such* está a mudar os seus valores em Inglês e Alemão. A sintaxe de DP nas várias línguas escandinavas é estudada por Lohrmann: estas línguas comportam artigos ligados aos nomes (*filmen* = o filme) mas também (neste caso, só a norma padrão do Sueco, o Norueguês e o Faroese) a chamada “definitude dupla”, como em *den rolige filmen* (o filme engraçado); por vezes, o adjetivo tem

também uma flexão definida e isso faz com que a definitude seja expressa três vezes. Numa análise no quadro da Morfologia Distribuída, mostra-se que esta expressão múltipla tem consequências semânticas. Stroh-Wollin reflete sobre a relação entre estrutura e significado, uma vez que os quatro tipos semânticos de referência - referência definida, referência genérica, referência a uma parte não quantificada e referência a uma parte quantificada - não apresentam nas línguas românicas e germânicas uma relação unívoca: a referência genérica em Inglês é dada por nomes simples e nas línguas românicas por expressões definidas (*she does not like dogs* versus *elle n'aime pas les chiens*) e a referência a uma parte não quantificada é expressa em Inglês por nomes simples (*there are dogs in the garden*) e por artigo partitivo em Francês (*il y a des chiens dans le jardin*). Por essa razão, a autora, embora partindo de uma análise dupla, unificadora, do DP, no quadro da Morfologia Distribuída, propõe que as diferenças entre os dois tipos de línguas se devem à diferente realização dos núcleos de DP e de dP e a diferentes movimentos. Os determinantes são estudados em dois crioulos de base lexical inglesa, o Jamaicano e o Sranan / Suriname, por Bobyleva. Embora haja alguns determinantes que terão surgido pelo contacto com a língua lexificadora, dominam os nomes simples. A autora considera que o uso mais generalizado de nomes simples em Jamaicano e Sranan / Suriname do que em Inglês é sensível a fatores pragmáticos e não à influência da língua de substrato, o Gbe.

A parte dedicada à *Mudança* comporta seis textos. Lucas estuda dois casos de construções com artigo definido em Inglês que não têm, no entanto, interpretação definida, como em *let's go to the pub, he came to the bank of a river*. Analisando este tipo de construção em Inglês Médio e no início da era moderna do Inglês ("Early Modern English"), o autor conclui que os artigos definidos em diacronia têm tendência para ser usados em contextos que não assinalam necessariamente definitude semântica. Crisma estuda a emergência do artigo definido em Inglês Antigo, que terá ocorrido por volta do segundo quartel do século IX, defendendo uma possível influência de substrato / adstrato celta. Cornilescu e Nicolae estudam a mudança operada entre o velho Romeno, em que o artigo definido sufixal surge quer numa posição alta quer numa posição baixa no interior do DP, como em *spre ticăloase cuvintele mele* (às minhas palavras viciosas), enquanto no

Romeno moderno aparece sempre no nome mais alto (*spre ticãloasele cuvinte mele*). Numa análise particularmente fina, no quadro do Programa Minimalista, os autores defendem que no Romeno Antigo o artigo teve a sua origem numa posição posposta de demonstrativo e que é um sufixo, legitimado por uma Concordância a Longa Distância na validação da definitude, o que explicaria a possibilidade da sua posição baixa, estratégia que coexiste com uma Concordância local para explicar a outra posição, mais alta. No Romeno Moderno é razoável admitir que a definitude pode ser validada na posição pré-adjetival e que se tornou essencialmente num traço de concordância. Magni estuda construções genitivas em Latim e Inglês. O Latim dispõe de genitivos pré-nominais, sobretudo em expressões fixas (*reliquarum reliquias, divum deo*) e pós-nominais (*pater familias, pater deum*) e o Inglês também, embora a segunda possibilidade com a preposição *of* (*the other person's nose, the nose of the other person*). A ideia central é a de que nas duas línguas a flexibilidade e a competição entre as duas ordens significa uma especialização funcional e que a explicação para a coexistência de duas construções é, portanto, diacrónica. Van de Velde coloca a questão da universalidade de DP e propõe que em Neerlandês os adjetivos anafóricos do tipo *vermelde* (mencionado) estão cada vez mais a ser usados como determinantes na língua atual. Déprez analisa outro caso de mudança, a verificada nas palavras negativas em Francês: *personne* parece ter evoluído de nome (*une personne, une autre personne*) para determinante (*personne d'autre*), mas passando por um valor intermédio, quantificacional, presumivelmente a ocupar a posição intermédia (Num). Finalmente, no Francês moderno, *personne* ocupa D, ao mesmo tempo que adquire um valor negativo forte. Tanto Van de Velde como Déprez mostram, por isso, que os determinantes podem ter origem em categorias distintas. Também Perridon e Sleeman, na introdução, sustentam que o artigo nas línguas escandinavas era originalmente um demonstrativo pós-nominal.

A perspetiva comparativa assumida pelos organizadores e autores deste livro afigura-se, assim, crucial não só para o entendimento dos mecanismos de mudança e variação (inter e intra-linguística) mas também para a compreensão da natureza da faculdade de linguagem. Assinale-se que grande parte dos autores trabalha no quadro da Sintaxe Generativa, mas há também alguns que desenvolvem as suas análises num quadro

funcionalista-tipológico (Bobyleva, Magni) ou numa perspetiva variacionista (Van de Velde); Van de Velde, para o Neerlandês, e Déprez, para o francês, usam *corpora* diacrónicos. A análise é predominantemente sintática, mas também semântica (Stroh-Wollin) ou pragmática (Bobyleva, Lucas).

O livro é, em síntese, uma obra de leitura indispensável para todos aqueles que estão interessados na compreensão da estrutura das expressões nominais nas línguas românicas e germânicas numa perspetiva de variação e mudança.

#### REFERÊNCIAS

- Abney, S. 1987. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, Ph. D. Diss., MIT.
- Borer, H. 2005. *Structuring sense*. Oxford: Oxford University Press.
- Giusti, G. 1993. *La sintassi dei determinanti*. Padova: Unipress.
- Hauser, M., Chomsky, N. & Fitch, W. T. 2002. The Language faculty: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science*. 298: 1569-1579.
- Longobardi, G. 1994. Reference and proper names: a theory of N-movement in Syntax and in Logical Form. *Linguistic Inquiry*. 25 (4): 609-665.
- Ritter, E. 1991. Two functional categories in Noun Phrases: Evidence from Modern Hebrew. In: S. D. Rothstein (ed.) *Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing*, San Diego: Academic, 37-62.